

“Não acredito que a pesca, tal como a conhecemos, continue a existir daqui a 30 anos”

ENTREVISTA COM
DANIEL PAULY

Estudar os efeitos que a pesca intensiva teve sobre a vida nos oceanos é o projecto de longo prazo de Daniel Pauly. Esta visão de conjunto é o que faz com que os artigos científicos que publica o tenham tornado uma personagem incontornável no mundo da ecologia e da gestão das pescas. *Por Clara Barata, em Montreal*

Daniel Pauly lidera o Centro das Pescas da Universidade de British Columbia, no Canadá, e é um nome chave no estudo dos oceanos e dos efeitos da pesca intensiva levada a cabo pelos humanos. Com os modelos informáticos que desenvolveu para relacionar a evolução dos “stocks” com as capturas de pescado a nível mundial, desde a década de 50, conseguiu fazer um tipo de análise diferente da maior parte dos estudos sobre pescas. Como ele próprio diz, “as pescas são normalmente encaradas de uma perspectiva local, e não global.” O seu trabalho é tão significativo que, no ano passado, a revista “Scientific American” considerou-o um dos cinco cientistas mais influentes do mundo. Por isso, não é de admirar que a sua equipa contribua, na parte das pescas, para a iniciativa Avaliação dos Ecossistemas do Milénio, que está a ser levada a cabo pelo Banco Mundial, e cujos dados definitivos deverão ser divulgados em 2005. Alguns dados preliminares foram, no entanto, apresentados no IV Congresso Mundial de Jornalistas de Ciência, em Montreal (Canadá). Foi lá que o PÚBLICO falou com Pauly. O retrato que este cientista traça é o de um ecossistema em colapso, pleno de desperdícios: as capturas de pescado globais estão a diminuir ao ritmo de 500.000 toneladas por ano, depois de terem atingido um máximo de 80 a 85 toneladas anuais, no final da década de 80. Se esta tendência não for invertida, por vontade dos cidadãos, sublinha, arriscamo-nos a ter um futuro em que “peixe” significará algo do tipo das delícias do mar — mas talvez à base de alforrecas, porque teremos feito desaparecer todos os restantes animais que formavam os muitos elos da cadeia alimentar.

PÚBLICO – Escreveu um livro chamado “Darwin’s fishes” (Os peixes de Darwin). As ideias do pai da teoria da evolução através da selecção natural têm aplicação hoje em dia, quando se fala da pesca excessiva e da necessidade de gerir os recursos?

DANIEL PAULY — Os peixes que têm muitos ovos não resistem às pressões necessariamente melhor



A pesca, e em especial a pesca de arrastão, é uma forma extremamente ineficaz de recolher alimentos, que desperdiça grandes quantidades. Imagine arrastar uma rede que cobre um ou dois quilómetros: é uma loucura, gastam-se 20 a 30 toneladas de combustível por cada tonelada de peixe apanhado

do que os que põem poucos ovos. Podia-se pensar que, como têm poucas crias, os tubarões estariam pior que o bacalhau, que põe muitos ovos; mas não, porque há uma grande mortalidade nos ovos de bacalhau. Muitos especialistas em pescas fizeram o raciocínio de que os animais que punham muitos ovos podiam suportar grandes capturas, porque cresceriam rapidamente e os “stocks” seriam repostos. Mas Darwin não: ele inferiu que, nos animais que põem muitos ovos, teria de haver uma mortalidade muito grande das crias. Isto é muito moderno, porque agora andamos a falar da “falácia dos seis milhões de ovos” — a ideia de que nunca seria possível pescar bacalhau em excesso, porque uma única fêmea, com os seus seis milhões de ovos,

podia repovoar um oceano. Era uma ideia terrivelmente errada, porque esses ovos podem morrer todos. Mesmo neste caso, Darwin fez uma observação muito correcta.

A pressão humana está a impor modificações genéticas no bacalhau?

O bacalhau está a ficar mais pequeno, e há mudanças na idade de maturação. O processo de diminuição de tamanho era conhecido noutras espécies, como a tilapia, que pode ser muito grande em lagos e muito pequeno em rios de dimensões reduzidas. Mas não se sabia que era aplicável a peixes de água salgada.

Até agora, tínhamos a noção de que devíamos apanhar apenas os peixes grandes, para que os pequenos pudessem crescer e procriar. Mas isto representou um processo de selecção negativa, que favoreceu os animais mais pequenos.

Isso quer dizer que o bacalhau pode desaparecer mesmo?

Bom, estamos a apanhar peixes cada vez mais pequenos, e havendo bacalhau no mar, mesmo sendo pequeno, é apanhado. Se não tiver apresentação para ser levado à mesa numa travessa, pode sempre ser processado e transformado num alimento derivado de peixe. A questão não é essa. O problema é que, à medida que os “stocks” se forem reduzindo, algumas espécies abundantes vão tornar-se raras, e depois vão desaparecer. Como durante uns tempos as vamos conhecer como espécies raras, não vamos sentir que o seu desaparecimento é uma perda. Isto é um grande problema das pescas, e penso que é semelhante ao que se passa com os animais terrestres. Assim, algo impensável, como o desaparecimento de uma espécie tão abundante como o bacalhau, torna-se aceitável, porque as pessoas habituam-se a vê-lo como uma espécie rara, que está a extinguir-se.

Mas o desaparecimento do bacalhau não se deverá exclusivamente à pesca excessiva. Sabemos que o aquecimento global está a alterar as zonas de distribuição do bacalhau. No Atlântico Norte, isto já é claro, pois o bacalhau está claramente a desaparecer

de algumas áreas. Por outro lado, pelo menos durante uns tempos, existirá a possibilidade de o bacalhau encontrar novos habitats mais para norte, em áreas que agora são habitadas pelo bacalhau polar e outros peixes.

Espera-se que, por causa do aquecimento global, o oceano Ártico e o Atlântico se transformem num único oceano. Que tipo de consequências podemos esperar, ao nível da fauna?

Bom, as consequências terão um peso enorme para países como o Canadá, que querera reclamar a propriedade de ilhas que hoje estão cobertas por gelo, mas que ficarão descobertas então. Alguns países estão a preparar-se para usar este novo oceano Ártico aberto como se fosse deles, para poderem pescar. A Noruega está claramente a preparar-se para isso.

Dentro de quanto tempo é que isso vai acontecer?

Uns 20 a 30 anos. Mas muitas das projecções que usamos são demasiado optimistas, porque não levam em conta alterações súbitas, não-lineares. Só fazem previsões sobre os “stocks” futuros baseando-se nas condições actuais. E há consequências que a maioria dos modelos não levam em conta, como o metano: se o aquecimento começar a derreter os gelos dos solos gelados, liberta-se muito metano, que é um gás com um poderoso efeito de estufa.

Resumindo: não penso que daqui a 30 anos estaremos a pescar no Ártico, porque teremos outros problemas.

A pesca, e em especial a pesca de arrastão, é uma forma extremamente ineficaz de recolher alimentos, que desperdiça grandes quantidades. Imagine arrastar uma rede que cobre um ou dois quilómetros: é uma loucura, gastam-se 20 a 30 toneladas de combustível por cada tonelada de peixe apanhado. Daqui a 30 anos, não acredito que continuemos a gastar combustível desta forma, porque as reservas de petróleo estão a diminuir, e será cada vez mais caro. E por causa das alterações climáticas, isto também deve deixar de ser permitido. Portanto, não acredito que a pesca, tal como a conhecemos hoje, continue a existir daqui a 30 anos. ■

“A aquacultura que transforma sardinhas em salmão é uma loucura”

A criação intensiva de peixes para a alimentação humana, como já fazemos com o gado e os animais de aviário, vai tornar-se também insustentável, se continuarmos a preferir espécies carnívoras, como o salmão, diz Daniel Pauly.

Como será a pesca do futuro? Vamos passar a consumir apenas peixes de aquacultura?

Bom, posso imaginar que se limitará à pesca costeira, que usa menos energia, e será baseada em técnicas de captura passivas — por outras palavras, redes, onde os próprios peixes se enredam. Também imagino que haverá muito mais aquacultura. Isto também será problemático, porque a aquacultura precisa de peixe como alimento para os animais que são criados em cativeiro.

E com que espécies alimentamos os peixes da aquacultura? Se forem alimentados com matéria vegetal, ou plâncton, tudo bem. Se forem bivalves, ou invertebrados, tudo bem. Mas, se forem peixes carnívoros, do tipo do salmão, então estaremos a falar de uma poluição maciça e do desaparecimento de peixes pequenos que serão usados para os alimentar.

Em Portugal comem-se sardinhas, e anchovas, e peixes desse género, e em Espanha também, tal como em muitos outros países. E estes são os peixes que são transformados em comida para os peixes de aquacultura, com o argumento de que são peixes pequenos, que ninguém come. Mas as pessoas comem este peixe, sim senhor. É uma mentira. O crescimento desta aquacultura, que transforma sardinhas em salmão, é uma loucura. Se já apanhámos as sardinhas, por que é que não as comemos, em vez de as darmos aos salmões?

Se tivermos um mundo em que o gasto de energia é altamente regulamentado, esta forma de aquacultura não pode continuar. Se respondermos de forma racional ao problema do aquecimento global, o consumo de energia será taxado, o que significa que certas formas de pesca e de aquacultura terão de desaparecer, substituídas por técnicas mais eficientes.